

Autora - Cláudia Graça da Fonseca – Doutoranda em Comunicação Social pela UFMG, orientada pela professora Regina Helena Alves da Silva . Pesquisadora ligada ao Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG

Comunicação Oral

Sessão Temática 1- A Cidade Imaterial

Resumo - O objetivo da comunicação proposta é apresentar uma abordagem comunicacional de fenômenos urbanos contemporâneos que ocorrem no espaço público comum que são as ruas da cidade de Belo Horizonte . A discussão é fruto da da pesquisa de doutorado da autora e está ligada à sua participação no projeto de pesquisa “Cartografias Urbanas”, desenvolvido na cidade de Belo Horizonte, por um grupo interdisciplinar do Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG. Este texto em particular discute as possibilidades de leitura do espaço urbano a partir da experiência comunicativa de pessoas comuns que caminham e param nas ruas do Hipercentro da cidade de Belo Horizonte. Os usos das ruas foram pensados como interações comunicativas, que atribuem significados aos espaços em que eles acontecem, transformando a significação destes espaços ou apenas atualizando os significados circulantes.

Por uma Comunicação Urbana –

derivadas cartográficas pelo Centro de Belo Horizonte.

Este artigo busca apresentar algumas reflexões acerca da experiência humana na cidade contemporânea e do papel da comunicação na constituição desta experiência, que foram realizadas durante a pesquisa e o processo de elaboração de minha tese de doutorado. Elas se ligam também à minha participação como pesquisadora do Projeto Cartografias do Sentidos do Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG, coordenado pela professora e historiadora Regina Helena Alves da Silva.

A comunicação é citada em inúmeros estudos como fundamental para a compreensão do que é a cidade hoje. Neles, a cidade contemporânea é definida por como espaço perpassado pelos fluxos de comunicação e informação. Este seria um aspecto definidor da cidade atual, assim como a cidade de antes era a cidade industrial ou a cidade mercantil. O urbano contemporâneo é abordado frequentemente como suporte que concentra equipamentos, objetos e pessoas para que a comunicação entre os centros de decisão, de produção e entretenimento aconteça. Fala-se de um mundo cada vez mais dependente das interligações proporcionadas pelos fluxos de comunicação e que uma

das funções importantes das cidades hoje é concentrar um mercado consumidor e um público ou diversos públicos interligados.

A presente proposta de estudos se afasta da concepção de comunicação como mera circulação ou exposição de conteúdos. Considera-se aqui a comunicação como um processo de troca simbólica que pressupõe uma interlocução, que se materializa através dos sons, das escritas, dos gestos, das imagens; cujo sentido expressa e ao mesmo tempo constitui as relações dos sujeitos com os outros e com o mundo.

A idéia é portanto pensar a comunicação em sua imbricação com o modo de vida urbano. O ponto de partida foi pensar o que seriam as características da experiência humana no espaço urbano de hoje e a partir delas investigar formas de comunicação ligadas a esta experiência. Partindo daí é possível encontrar uma série de trabalhos que realizam esta proposta. Vários são os autores que falam desta dimensão comunicacional da cidade e diversas são as formas de se pensar esta relação. Fala-se numa escrita da cidade, a cidade-texto, a cidade como suporte de signos e as possibilidades de leitura e decifração destes signos.

Este trabalho tem em comum com estas visões o reconhecimento da importância da questão da comunicação para a compreensão da cidade. No entanto, ao se basear na concepção de comunicação descrita acima, procurou-se uma forma de abordagem que privilegiasse a questão da interlocução e da presença dos sujeitos na cidade. O recorte de estudos foi elaborado a partir de uma perspectiva que tomasse a comunicação como uma prática da cidade contemporânea.

No presente texto, o meu objetivo é apresentar as origens desta discussão e as escolhas metodológicas, políticas e teóricas que foram feitas no decorrer do processo.

As origens da pesquisa

O Projeto “Cartografias dos Sentidos”, que está na origem deste trabalho é uma proposta de pesquisa e de intervenção no espaço desenvolvida por uma equipe multidisciplinar. A preocupação central do “Cartografias” é registrar e estudar as múltiplas formas de convívio social, que acontecem no espaço comum a todos que são as ruas de uma grande cidade e cartografar os diversos sentidos atribuídos aos espaços pelos sujeitos que os habitam, trabalham neles, fazem compras, freqüentam ou apenas passam por

eles¹. O espaço escolhido para início da pesquisa foi o centro da cidade de Belo Horizonte. A opção pelo Hipercentro como local da pesquisa deveu-se, entre outros aspectos, ao fato de este ser um espaço onde as características atribuídas à experiência na cidade contemporânea - como a velocidade dos fluxos de veículos e pessoas, a saturação de informações, a fragmentação - estão mais visíveis e talvez mais intensificadas do que em outros espaços de Belo Horizonte.

Para concretizar a cartografia dos sentidos a equipe inicialmente a registrou - através de cadernos de campo, fotografias, registros videográficos e sonoros - os diversos usos do espaço público da cidade. Paralelamente a estes registros, foram sendo realizadas reflexões sobre este material, combinadas com leituras e discussões de autores de diversas áreas do conhecimento que abordam a problemática urbana.

Seria exaustivo fazer uma descrição detalhada de todos os procedimentos e todo o material coletado pela equipe. O objetivo deste texto é apresentar algumas escolhas que foram sendo feitas durante todo o seu decorrer e que basicamente se referem à idéia de conhecer o espaço a partir de uma cartografia dos sentidos e à opção por uma abordagem comunicacional dos usos da cidade.

Uma das questões que está nas origens do Projeto Cartografias dos Sentidos é uma visão crítica da cidade contemporânea em geral, e especificamente das mudanças que vêm sendo propostas para o espaço urbano de Belo Horizonte nos últimos anos. Esta crítica dirige-se principalmente a uma concepção de cidade e espaço urbano em voga desde o final do século passado, quando alguns exemplos bem sucedidos de transformações e intervenções em cidades americanas e européias anunciaram a era da cidade-empresa e da cidade-espetáculo cultural e pareceram conduzir os planejamentos em direção à globalização e à mercantilização. Um exemplo de cidade bem sucedida passou a ser aquela que conseguia atrair altos investimentos externos e turistas. Grandes investimentos públicos foram feitos para que as cidades se tornassem atraentes para o mercado. O que significou, segundo David Harvey, gastar para criar atrativos para

¹ O material coletado durante a pesquisa transformou-se em um banco de dados sobre o local. Foi elaborada um metodologia de intervenção no espaço urbano, que vem sendo testada em escolas da rede municipal situadas em diversos bairros da cidade. Além disso, o material empírico e as discussões teóricas estão na base de artigos, uma exposição (realizada em 2006), um cd rom um website e pelo menos um livro, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado em fase de finalização.

executivos de grandes conglomerados e turistas e não necessariamente para elevar o nível de vida de seus cidadãos. Neste modelo, a elevação do nível de vida seria uma consequência da capacidade das cidades de atrair bons negócios. A verdade é que a promessa não se realizou ou pelo menos o modelo mostrou-se unilateral e concentrador de riquezas.

A crítica a estas tendências levou o grupo de pesquisadores a se posicionar e construir sua perspectiva a partir da visão daqueles que usam cotidianamente os espaços que são comuns a todos da cidade. Esta decisão colocou o grupo num caminho de pesquisa balizado por um conjunto de questões. A primeira diz respeito ao fato de que os dados seriam coletados nos espaços públicos, ou seja, as ruas e praças da cidade, os espaços privados ou de acesso controlado estariam fora da pesquisa. Uma segunda refere-se à decisão de olhar para a cidade pela perspectiva do cidadão comum que habita, frequenta ou passa por estas ruas. Finalmente, uma terceira questão colocou em relevo os processos de uso dos lugares realizados por este cidadão comum no cotidiano das ruas. A idéia era fazer uma cartografia dos usos cotidianos do espaço urbano de BH.

Os situacionistas e as derivas

As escolhas feitas aproximaram as reflexões do grupo das idéias da Internacional Situacionista (IS), movimento de intelectuais e artistas europeus que se constituiu em torno de uma crítica radical ao urbanismo e à cidade contemporânea – transformada em espetáculo e à passividade dos cidadãos reduzidos à condição de espectadores. Os situacionistas faziam uma reivindicação de transformação no cotidiano urbano através da participação e intervenção de seus habitantes. O interesse pela abordagem situacionista da cidade e as questões levantadas por eles, levou o grupo a ver na psicogeografia e nas derivas - procedimento proposto pela (IS) - uma forma interessante de explorar o cotidiano da cidade e construir um conhecimento crítico sobre os usos do espaço urbanos.

A Internacional Situcionista foi formada nos anos 50 por artistas, ativistas e pensadores europeus como Guy Debord, Constant Nieuwenhuys, Raoul Vaneigen entre outros. Segundo Jacques (2003), a luta fundamental era contra a cultura do espetáculo da sociedade capitalista e sobretudo contra a não-participação, a passividade e a alienação dos indivíduos. O antídoto contra a espetacularização da sociedade seria a participação ativa dos indivíduos na vida social e principalmente na cultura. Acreditavam que isto seria

alcançado através da construção de situações, que provocassem e permitissem “o jogo livre das paixões”. A cidade ou a metrópole tornou-se questão importante para eles, pois o meio urbano era encarado como terreno da ação, local de produção de novas formas de intervenção e transformação do cotidiano. Para realizar suas pretensões de mudanças, os situacionistas propunham experimentações radicais do espaço urbano que eram a psicogeografia e as derivas.

“A psicogeografia foi definida como um ‘estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos’. E a deriva era vista como um ‘modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.’(...) A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo”.(JACQUES, 2003, 22).

Estas práticas tinham como princípio uma apropriação do espaço que ultrapassasse a lógica da definição de funções. Para os situacionistas, era preciso explorar o espaço e suas possibilidades contrapondo-se à passividade diante dos usos pré-definidos, decorrentes da estruturação capitalista da cidade. Henri Lefébvre, importante pensador marxista do fenômeno urbano, que foi ligado ao grupo até o início dos anos 60, ressalta a possibilidade de criar situações como uma experiência que é capaz de revelar a cidade:

A idéia deles (e isto também estava relacionado às experiências de Constant) era que na cidade alguém poderia criar situações novas, por exemplo, ligando partes da cidade, bairros que eram espacialmente separados. E este foi o primeiro significado da deriva. A experiência consistia em interpretar aspectos diferentes ou fragmentos da cidade simultaneamente, fragmentos que podem ser vistos só sucessivamente, da mesma forma que existe pessoas que nunca viram certas partes da cidade. (...)Nós tínhamos uma visão de uma cidade que foi fragmentada cada vez mais, sem sua unidade orgânica ser completamente despedaçada. Posteriormente, claro que as periferias e os subúrbios realçaram o problema. Mas tempos atrás isto então não era óbvio, e pensávamos que a prática da deriva revelava a idéia da cidade fragmentada. (LEFEBVRE,)

As derivas buscavam sempre um uso situacionista do espaço, ou seja, uma possibilidade de criar experimentações que tornassem o cotidiano urbano - lugar da fragmentação e da banalidade - em um espaço da revelação, da crítica e da transformação. O andar na cidade permitia reconhecer nos edifícios e objetos urbanos funções independentes de seu uso prático racional. A pesquisa psicogeográfica deveria reconhecer a função psicológica das ambiências e saber jogar com elas, para usar um termo situacionista:

“Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos de dois

grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram.”(JACQUES; 2003:21)

O caminhar na cidade tornar-se-ia uma narrativa da exploração das muitas cidades que existem em uma metrópole e partir dela os situacionistas construíam mapas que podiam não corresponder exatamente às localizações exatas na cidade, mas que traduziam uma “organização afetiva ditada pela experiência da deriva”. (JACQUES; 2003:23)

Para a equipe do Cartografias dos Sentidos apropriar-se da metodologia das derivas situacionistas foi um recurso de abordagem da cidade, através do qual seria possível perceber a diversidade dos usos do tempo e do espaço, as mutações contínuas, as disputas e as negociações e os jogos de significações que se misturam, se sobrepõem continuamente no espaço urbano. Significou, sobretudo, reler a cidade a partir de um posicionamento crítico que permitisse “estranhar” as formas e os usos definidos e cristalizados e enxergar, para além destes, as múltiplas possibilidades de apropriação e criação de novas de usos e convivências. Este estranhamento permitiu um mergulho no cotidiano – no conhecido - e ao mesmo tempo constituiu-se numa atitude de distanciamento para que o olhar do pesquisador não tomasse por “natural” aquilo que é corriqueiro e que enxergasse junto com o uso hegemônico do espaço algo que estava invisibilizado por este.

Uma outra idéia também inspirada nos situacionistas foi a da construção de mapas da percepção dos lugares, elaborados a partir das experiências subjetivas daqueles que caminham pela cidade. Os situacionistas construíam mapas “afetivos” a partir das derivas, que não tinham uma função de orientação no sentido usual, mas se constituíam em narrativas da experimentação do espaço. A equipe do Cartografias traçou como meta construir mapas que representassem as múltiplas possibilidades de apropriação do espaço e os sentidos que produzidos a partir destas possibilidades.

Estas operações de produção de sentido acontecem na cidade a partir das interações comunicativas que as pessoas promovem entre si e com os objetos e edificações urbanas. Porque comunicativas? Porque além do uso funcional, as ações dos sujeitos no espaço carregam uma potência de significação. Ao agir sobre o espaço estabelecem uma relação de significação, que resulta na produção de sentidos sobre o mesmo. Na rua esta relação é vivida coletivamente. A produção de sentido não constrói uma imagem única que representa o lugar ou a cidade. A experiência da cidade é vivida pelos indivíduos, mas o seu sentido ultrapassa a dimensão individual. “A cidade excede toda a

representação que cada pessoa faz dela. Ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida” (JEUDY:2005; 81)

Nas interações pelas ruas, os significados produzidos pelos diversos sujeitos são colocados em jogo, se misturam e circulam num determinado lugar, por isso não se produz uma representação única da cidade. Produzem significados circulantes, como diria Bruno Latour. Ao agir sobre o espaço, compartilhando ou disputando com outros, os sujeitos entram no jogo social, se posicionam. A cidade é sentida, vista, falada, posta em circulação nestas ações. Assim o mapa da cartografia do sentidos é um mapa que não ambiciona uma resultante final.

A cartografia da comunicação

A opção pela cartografia foi feita em razão das várias relações que os mapas estabelecem com um território que eles representam. Um mapa refere-se ao território que ele representa, é uma redução que não tem a ambição e não pode conter todas as informações. Lepetit (2002) nos lembra que o mapa implica numa relação com a escala de representação, relação entre a medida no mapa e a medida no terreno.

“Por trás da operação cartográfica está um realismo. A escala do geógrafo associa um representante, o mapa, e um referente, o território cuja configuração é dada e precede a operação intelectual que é a realização do mapa. Portanto é possível imaginar duas hierarquias paralelas, a das escalas, que pertence ao domínio da cartografia e dos níveis dos fenômenos e das organizações espaciais, que pertence à natureza das coisas e à estruturação do mundo.” (Lepetit:2002;210)

A confecção de mapas suscita questões que dizem respeito à relação de representação. A escolha da escala e do que vai ser representado no mapa relaciona-se com o conhecimento específico que se quer produzir e com a “preocupação de responder a um uso particular”. Assim o mapa mantém uma relação com o real que nasce das opções feitas, a escala, as posições e a organização que vão figurar nele. Cada uma destas escolhas constrói um ponto de vista do conhecimento, sem o que o qual é impossível apreender o real.

Pode-se construir diferentes mapas referentes a um mesmo território sem que haja uma hierarquia entre eles, sem que um seja mais “verdadeiro que o outro”. Um território carrega em si a complexidade do real e suscita inúmeros mapas.

“No sistema de variação infinita dos objetos o pesquisador acomoda o seu olhar. Este movimento de aproximação ou de distanciamento regula, sem solução de continuidade, não tem por efeito apenas fazer passar do grande ao pequeno ou vice-versa numa série contínua. O Jardim é sucessivamente à medida que dele nos aproximamos, parreiral, cacho, bago de uva. (Lepetit:2002;225)

A Cartografia dos Sentidos construiu-se como um conhecimento do espaço que teve como objetivo colocar em relevo as experiências e percepções de um determinado ponto de vista que é o de quem caminha, para e prossegue pelas ruas da cidade. Este aspecto colocou uma dificuldade para equipe de pesquisadores, pois os mapas resultantes seriam uma representação estática de algo que está sempre em processo, em movimento.

No entanto, durante o processo de caminhar para fazer a pesquisa o que se observou foi é que a experiência do caminhar não se dá em fluxo contínuo. Este caminhar é errático e inclui paradas breves ou longas. Os sujeitos dividem um espaço saturado (de corpos, objetos, edifícios e signos). Em seu percurso pode trombar com outros, desviar-se, o olhar pode ser capturado, o corpo pode cansar, parar, ser solicitado de mil formas simultâneas por sons, cheiros e imagens. Os percursos observados sempre encerram esta tensão entre o fluxo quase obrigatório e a solicitação da parada, que é dada pelas potências do espaço em que se caminha. Ao pensar numa caminhada como movimento contínuo no espaço, perdia-se sempre a possibilidades de paradas que acontecem no seu transcorrer. Perdia-se as possibilidades de comunicação.

Desta maneira os mapas resultantes da Cartografias dos Sentidos desenhavam percursos que aliam deslocamentos permeados por paradas. Através deles os pesquisadores do Projeto mapearam diversos percursos para a realização da cartografia dos sentidos. Um dos trabalhos se ocupou dos diálogos públicos que se processam através de inscrições na cidade. Um outro teve como objeto as paisagens sonoras, percursos marcados pelas músicas, ruídos e sons que marcam a experiência urbana. O meu trabalho voltou-se para a experiência de parada proporcionada pelas bancas de jornais e revistas que existem no local. Estes mapas permitem uma leitura do espaço a partir das possibilidades que estão colocadas e que se materializam nas práticas de seus usuários.

Referências

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES & JEUDY (org.) *Corpos e Cenários Urbanos*. Salvador: EDUFBA, PPGAU/FAUFBA, 2006.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JOSEPH, Isaac. *El transeunte y el espacio urbano*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2002

LEFEBVRE, Henri. Entrevista concedida a Kristen Ross em 1983. Tradução disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=138&secao=potlatch>

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Documentos, 1969